

Lugares instáveis

Retomando soluções experimentadas entre 2013 e 2015, os trabalhos que Pollyanna Freire apresenta na exposição *Vã* desenvolvem-se a partir de delicados perfis coloridos, realizados em metal, sendo os seus resultados visuais próximos de desenhos que se afirmassem na terceira dimensão.

Embora inscritas em superfícies bidimensionais, as linhas de um desenho podem, como bem sabemos, simular, através de um conjunto de convenções de representação, a existência de uma terceira dimensão. As esculturas de Pollyanna Freire são criadas a partir de elementos modulares, de dimensões não estandardizadas, que simulam linhas (ou arestas) reunidas em articulações aparentemente livres, fruto de um jogo de possibilidades – que nunca se repetem – para cada caso. O resultado é um conjunto de volumes impossíveis de concretizar no espaço: a ausência de planos fechados não permite a criação de verdadeiros contentores e cada obra permanece como figura aberta, desmanchada, incompleta, inacabada...

Estas obras disputam, assim, terrenos múltiplos de afirmação: o da Escultura, em primeiro lugar, mas também o do Desenho. Porém, o mais forte contributo para a complexidade semântica das obras é introduzido pela ilusão do gesto que cada escultura parece comportar: as obras desenvolvem-se no espaço de modo encadeado, adquirem um movimento quase cinético, são apreendidas visualmente como se estivessemos a vê-las serem desenhadas no espaço. No rasto das sucessivas referências a que cada uma das citadas facetas do trabalho de Pollyanna Freire nos conduz é evidente a poderosa tradição da escultura brasileira concretista e neo-concretista que a artista submete a subtis desvios e trata com especial delicadeza formal e cromática.

Dentro do campo estrito da escultura, as obras de Pollyanna Freire podem ser de pequena ou média dimensão, ou ainda afirmar-se como exemplares de escultura pública, devendo então a discussão assentar em torno de questões de dimensão e de escala, de produção e de reprodução.

A princípio, o trabalho da artista foi predominantemente de parede; já as obras desta exposição são quase todas peças de chão. Ao passarem da parede para o chão, as esculturas ganharam dimensão e presença física sem perderem a relação já referida com o Desenho e reforçando mesmo a ilusão do gesto que as realiza no espaço. Mas entre as diversas formas desenvolvidas mantém-se uma mesma lógica de escala que nos permite quase sempre supor que uma peça poderá ser aumentada ou diminuída sem temer que, nessa operação, venha a perder as qualidades estéticas originais. Ou seja, cada peça final pode sempre ser tida como modelo ou maquete de uma outra, num processo de geração contínua de formas.

Esta elasticidade, ou aptidão para criar obras capazes de se resolverem com eficácia em diferentes dimensões, abre outra frente de ambiguidade na classificação da obra de Pollyanna Freire: facilmente se percebe que os seus trabalhos são capazes de ocupar um espectro de

soluções que pode ir da pequena dimensão, adequada à decoração de um espaço doméstico, à escultura pública, a colocar numa paisagem urbana — solução que, apesar de nunca experimentada, surge como corolário inevitável dos exercícios que temos vindo a descrever.

Esta possibilidade de lidar com diferentes dimensões a partir de uma mesma coerência de formas e de escalas existe apenas em potência - ela não é deliberadamente explorada pela artista como recurso expeditivo e repetitivo. Pollyanna Freire não usa essa possibilidade como processo facilitador de criação/reprodução: não usa a fórmula da “série” nem a da criação em massa. Pelo contrário, segue um processo individualizado e muito lento de apuramento das formas finais, alcançado por depuração, a partir das sucessivas tentativas para encontrar a solução definitiva de cada peça, entendida pela artista como irrepetível.

As obras de Pollyanna Freire definem espaços abertos, porém evidentes; e entendem-se como exemplos de clareza e de vazio. A clareza não nasce da simplicidade, porque muitos dos corpos escultóricos apresentados exigem uma decifração apurada, obrigam-nos a percorrer as suas linhas até percebermos aonde nos levam e quais as subtis diferenças que os separam uns dos outros. A aplicação da cor joga um importante papel na individualização de cada escultura face às restantes e ao espaço circundante. A clareza de que falamos nasce do facto desse corpo (das linhas que estruturam as suas formas) se deixar percorrer e penetrar pela luz e pelo olhar do espectador em deambulação — cada escultura é um corpo livre no espaço, em rotação; e impossível de nomear, pela incapacidade de encontrarmos uma classificação geométrica reconhecível para cada conjunto de arestas.

Assim, o lugar definido por cada peça e pelo conjunto de peças expostas (que a artista deseja apelidar como “Imaginatio Locorum”, poema de Ruy Belo incluído no livro *O problema da habitação*), é um lugar imaginário (ou imaginado). A artista refere-o como “um lugar não funcional embora matérico; o qual (suponho) nunca abandona inteiramente sua ligação originária com a imaginação”. Ou seja, Pollyanna Freire cria um parque de esculturas, à escala humana, com os seus circuitos e percursos. E esse conjunto afirma-se, em simultâneo, como uma totalidade e um “lugar nenhum”: as molduras coloridas definem um vazio físico, um “espaço entre as coisas” - e esse campo aberto de esculturas é preenchido por um par de conceitos/sentimentos (a liberdade e/ou a angústia) que aqui se equivalem e nos advertem para a instabilidade do real que nos rodeia.

João Pinharanda

Lisboa, Dezembro de 2022